

O PAPEL DAS APRENDIZAGENS IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS

Juliana Chioca Ipolito
Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Este artigo é resultado de parte dos estudos realizados na disciplina “Linguagem escrita, Aprendizagem e Cultura” do programa de pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (USP) e tem como objetivo apresentar de forma sucinta o que sejam as aprendizagens implícitas e explícitas através de uma revisão de literatura. Os trabalhos que serviram de referencial teórico para discussão do que sejam as aprendizagens implícitas e explícitas são da perspectiva da Psicologia Cognitiva Cultural. Estes estudos mostraram que o aprendizado implícito é importante para aquisição de uma língua, mas que se quisermos refinar o conhecimento devemos explicitá-los, pois sem torná-lo consciente não há um total domínio de suas regras e formas de aplicação.

Palavras-chave: Conhecimento implícito; conhecimento explícito; aprendizagem.

Introdução

Este artigo é resultado dos estudos realizados na disciplina “Linguagem escrita, Aprendizagem e Cultura” do programa de pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (USP) e tem como objetivo apresentar de forma sucinta o que sejam as aprendizagens implícitas e explícitas através de uma revisão de literatura.

Entende-se que a aprendizagem é a capacidade de mudar em função da experiência. Partimos, então, de uma concepção de aprendizagem ativa, construtora de significados. Jerome Bruner, um dos principais expoentes da Psicologia Cognitiva Cultural, aponta a influência da cultura como uma das dimensões mais importantes na educação e sua teoria é visivelmente influenciada pelos pressupostos vigotskianos (ainda que com algumas diferenças), principalmente acerca de como se processa o desenvolvimento e o aprendizado. De acordo com Leme (2011, p. 45):

Ensino, segundo Bruner, deve ser um esforço para auxiliar ou moldar o desenvolvimento, e a linguagem é a ferramenta auxiliar nesse processo, cuja importância reside na ampliação de nossas capacidades, como a roda aumenta a motora, e o telescópio a perceptiva. A linguagem é uma tecnologia poderosa porque é capaz de comunicar e codificar a realidade, libertando-nos da experiência imediata.

Ou seja, para Bruner a linguagem também é um importante mediador na apropriação da cultura. Sua concepção de desenvolvimento passa por uma evolução na forma de representar a

experiência, que é o que medeia a nossa relação com o mundo, que ocorre em níveis de abstração (ou estágios), como explicado por Leme (2011, p. 46): “[...] primeiro há o enativo, que se baseia em representações corporais, evolui para formas perceptivas, no denominado período icônico, culminando no período simbólico, que funciona sobre a base linguística ou proposicional”.

Outro ponto relevante na obra de Bruner que é apontado por Leme (2011) são as reflexões do autor sobre como o processo de escolarização em nossa sociedade tem privilegiado o pensamento analítico em detrimento do intuitivo. Leme (2011) ressalta que os professores frequentemente não levam “em consideração os conhecimentos implícitos dos alunos sobre o conteúdo escolar, tratando sua aprendizagem como algo que parte da ausência total de conhecimento para algo idêntico ao que foi ensinado em sala de aula” (LEME, 2011, p. 56).

Essas e outras questões nos levam a refletir acerca da importância da discussão das aprendizagens implícitas e explícitas e como uma está conectada com a outra.

Conceituando as aprendizagens implícitas e explícitas

Vidigal de Paula e Leme (2010) apontam que desde a proposição inicial da perspectiva da aprendizagem implícita e explícita proposta por David Reber na década de 1960, as pesquisas na área tiveram um considerável aumento. As autoras consideram que este fato pode ser também explicado pela tentativa de superação das dicotomias tão presentes na ciência psicológica.

Segundo Leme (2008, p. 122):

A aprendizagem é concebida como um mecanismo adaptativo no sentido de que as espécies que são dotadas de flexibilidade para se adaptar às mudanças ambientais tiveram mais sucesso reprodutivo. Ao que tudo indica, o primeiro mecanismo de tal adaptação, principalmente para as espécies bilaterais, que se locomovem para se alimentar, é a capacidade de detectar regularidades ambientais e realizar cálculos probabilísticos acerca das mesmas. Tal mecanismo é a associação, na forma de discriminação de diferenças e generalização de semelhanças, e também mecanismos pré-associativos como reação de orientação e habituação.

A autora salienta que na espécie humana existem indícios desse tipo de aprendizagem como, por exemplo, nas crianças em idade pré-escolar que ainda não são alfabetizadas e conseguem identificar classes de palavras como verbos, baseadas em regularidades como a sua terminação (LITMAN & REBER, 2005 apud LEME, 2008). Contudo, esse estágio de descrição e associação não é suficiente para explicar como a criança progride e flexibiliza o conhecimento durante o processo de alfabetização, por exemplo.

Esse tipo de aprendizagem é denominado de implícita, pois ela ocorre independentemente de haver conhecimento explícito sobre aquilo que se aprende, mesmo não havendo esforço para aprender. É a primeira forma de aprendizado que realizamos, pois ele é intuitivo, não formalizado, não intencional. Segundo Pozo (2005 apud VIDIGAL DE PAULA, 2007, p.32) a aprendizagem implícita apresenta as seguintes características:

[...] ser mais antiga tanto na ontogênese quanto na filogênese do indivíduo, dado a sensibilidade, mesmo dos bebês, para extrair regularidades do ambiente, que passam a influenciar suas relações com o mesmo; ser independente da idade, do desenvolvimento cognitivo, da cultura e da instrução formal; mais duradoura em seus efeitos do que os provocados pelas aprendizagens explícitas e, por fim, mais econômico do ponto de vista cognitivo, uma vez que seu funcionamento é preservado mesmo em condições que afetariam as aprendizagens explícitas.

Algumas teorias sugerem que não há diferença qualitativa entre as aprendizagens implícitas e explícitas, apenas de grau, como, por exemplo, o associacionismo cognitivo, que considera que “a aprendizagem explícita seria uma forma de aprendizagem implícita com consciência, sem diferenças em termos de processos de aquisição do conhecimento, os quais seriam igualmente associacionistas” (VIDIGAL DE PAULA, 2007, p. 33).

Já outras consideram que há relevantes diferenças qualitativas entre os modos implícitos e explícitos, quanto à natureza do processo e estratégias utilizadas para aquisição do conhecimento, como para a perspectiva construtivista da aprendizagem:

No modo implícito, as aprendizagens ocorrem por meio de estratégias associativas, e na segunda por aprendizagens que promovem reestruturações do conhecimento. Estas não seriam possíveis sem o processo de explicitação de aprendizagens iniciadas no modo implícito, sem uso da consciência (VIDIGAL DE PAULA, 2007, p. 33).

Independentemente da abordagem teórica, é importante ressaltar que existem claras evidências sobre a existência de dois planos de aprendizagem: um implícito e outro explícito, e acreditamos, assim como Leme (2008), que eles estejam interligados, pois: “conceber a aprendizagem humana como exclusivamente implícita ou explícita é destituí-la ou de cultura ou de uma história filogenética, introduzindo descontinuidade, impedindo sua compreensão enquanto algo dinâmico e em evolução” (p.126).

Leme (2008, p.124) analisa os níveis de explicitação propostos por Karmillof-Smith (1994) e verifica “que a explicitação só pode ser concebida com os recursos providos pela cultura, como, por exemplo, a representação de si, como um eu separado do outro, tempo representado e organizado e outros conceitos por ela forjados”. Logo, o que nos diferencia dos animais é a nossa capacidade de representar explicitamente, “representações sobre representações”, como quando

ensaiamos uma discussão mentalmente, com várias possibilidades de desfecho, tanto positivas quanto negativas.

Face ao exposto ressalta-se a importância de estudos que investiguem como ocorre essa relação entre aprendizagem implícita e explícita.

Considerações finais

A compreensão acerca do aprendizado é tema de investigação de diversos autores em diferentes perspectivas teóricas na Psicologia. Os estudos sobre as habilidades metalinguísticas nos mostram que o aprendizado implícito, aquele que ocorre de forma não intencional, é importante para a aquisição de uma língua, mas que se quisermos refinar o conhecimento devemos explicitá-los.

Zanella (2010) aponta que crianças que nasceram e cresceram em ambientes de pessoas letradas e tiveram contato com linguagem escrita precocemente desenvolvem tanto habilidades linguísticas implícitas quanto explícitas de uso da língua, contudo:

Apesar dessas crianças de grupos sociais letrados desenvolverem certa sensibilidade em relação às convenções ortográficas, não conseguem atingir o nível de abstração e reflexão necessárias para o pleno domínio das características arbitrárias da ortografia. A aprendizagem das regras ortográficas está estreitamente vinculada ao processo de aprendizagem explícita. A ortografia implica diferentes níveis de análise linguística, exigindo relações específicas entre certas dimensões da consciência metalinguística e a aquisição de determinadas regras ortográficas (ZANELLA, 2010, p.111).

Com isso, concluímos que o aprendizado implícito é de fundamental importância para a aquisição de uma língua, mas que sem a explicitação do mesmo, sem torná-lo consciente, não há um total domínio de suas regras e formas de aplicação.

Referências

LEME, M. I. S. Reconciliando divergências: conhecimento implícito e explícito na aprendizagem. **Psicologia USP**, 19 (2), 121-127, 2008.

LEME, M. I. S. Jerome Bruner: o ensino e suas formas. In: REGO, T. C. (org.). **Cultura, aprendizagem e desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIDIGAL DE PAULA, F.; LEME, M. I. da S. A importância do desenvolvimento da metacognição para a superação de dificuldades na aquisição da leitura. In: MALUF, M. R. (Org.) **Habilidades metalinguísticas e alfabetização**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1, 91-118, 2003.

VIDIGAL DE PAULA, F.; LEME, M. I. da S. Aprendizagem Implícita e Explícita: Uma Visão Integradora. **Psicologia em Pesquisa. UFJF.** 4(01), 15-23, 2010.

VIDIGAL DE PAULA, F. **Conhecimento morfológico implícito e explícito na linguagem escrita.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo & Université de Rennes 2, Rennes, 2007.

ZANELLA, M. S. Ortografia no ensino fundamental: um estudo sobre as dificuldades no processo de aprendizagem da escrita. **Poiésis Pedagógica.** 8 (2), 109-125, 2010.